



Araújo Pereira e Mick Hume em discurso livre

ENTREVISTA
Susana de Figueiredo
susanafigueiredo@jm-madeira.pt

Liberdade de expressão na abertura do 8.º Festival Literário da Madeira. Britânico Mick Hume defende que “não existe direito a não ser ofendido”.

A sessão de abertura do 8.º Festival Literário da Madeira (FLM) juntou, ontem, na mesma mesa, montada no palco principal do evento, o Teatro Municipal Baltazar Dias, o humorista Ricardo Araújo Pereira e o jornalista britânico Mick Hume. “Mais do que um debate, uma conversa”, afirmou o moderador, João Paulo Sacadura, introduzindo o encontro; isto para explicar que Araújo Pereira e Hume defendem as mesmas ideias quando o assunto é a liberdade de expressão, temática escolhida para o subir do pano do FLM.

A conversa partiu da reflexão de Salman Rushdie: “O que é a liberdade de expressão? Sem liberdade para ofender, cessa de existir”, autor que foi incansável no elogio ao livro de Mick Hume, ‘Direito a ofender – A liberdade de expressão e o politicamente correto’, publicado em Portugal pela editora Tinta da China, por sugestão do próprio Ricardo Araújo Pereira.

“Estará o medo de ofender a limitar a liberdade de expressão?”, foi esta à primeira pergunta lançada pelo jornalista João Paulo Sacadura. A resposta de Mick Hume emergiu de imediato, rea-

firmado a posição que se lhe conhece a este respeito, posição esta que vem difundindo sem medos ou ‘panos quentes’. “A liberdade de ofender é fundamental na liberdade de expressão. As

peças tendem a confundir atos de violência com palavras, e eu não concebo as coisas dessa forma. Dizer algo que soe violento não é o mesmo do que praticar um ato violento. As palavras não são violência, há que separar as águas”, sublinhou o jornalista.

“Mas, não terei eu o direito a não ser ofendido?”, questiona o moderador. Uma vez mais, Hume é perentório, retorquindo: “esse direito não existe, ninguém tem o direito de me silenciar, de me proibir de dizer o que quer que seja. Nesta esfera, o único direito que existe é o direito ao discurso livre, o direito a ouvir e a decidir sobre aquilo que se ouve. É só”.

Araújo Pereira concorda, reafirmando algumas das ideias que já havia abordado, no dia anterior, em entrevista ao JM (publicada na edição desta terça-feira). “Se começarmos a selecionar os temas potencialmente ofensivos, acreditem, no fim, não sobrá nada.” É por essa razão que diz nunca lhe ter “passado pela cabeça” formar um elenco de assuntos intocáveis, “temas onde o meu olhar humorístico não pode pousar.” Ressalva, contudo, que o contexto importa e que, no discurso humorístico, “é preciso confiar na capacidade de discernimento das pessoas” no que respeita à percepção dos contextos. “Sempre me recusei a tratar o público como uma massa vegetal”.

Outra questão a vir à tona foram as redes sociais, a fronteira entre o público e o privado e, claro, o “politicamente correto”, conceito “obscuro” e de “difícil definição”, segundo o humorista, e não raras vezes confundido com ‘boa-educação’, fez questão de sublinhar. “Considero-me uma pessoa bem-educada, mas não sou politicamente correto”, esclareceu. JM

